

Capítulo 4

DIFICULDADES NO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO EM MENINAS



DIFICULDADES NO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO EM MENINAS

DIFFICULTIES IN THE DIAGNOSIS OF AUTISM IN GIRLS

Giulia Malagoni de Castro Guedes Arcos¹

Ana Clara Luz Pereira²

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio associado ao neurodesenvolvimento e às habilidades sociais e comportamentais. Com o desenvolvimento dos critérios diagnósticos e o aumento da divulgação de informações sobre o autismo, observou-se um crescimento do número de diagnósticos. No entanto, a identificação desse transtorno, que acontece geralmente entre os 12 e 24 meses de vida, ainda é um processo complexo, visto que os critérios são muito amplos e as características dos pacientes, muito variadas. No presente trabalho, revisaremos as dificuldades associadas ao diagnóstico de autismo e o fato de serem ainda maiores em meninas, discutindo essa diferença quanto ao gênero. Como metodologia para este resumo expandido, realizamos um levantamento de artigos de autores diversos que versavam sobre esta temática, fazendo uma análise a partir da literatura reunida na pesquisa. Os resultados encontrados sugerem que meninas têm menor probabilidade de atender a critérios diagnósticos para TEA, assim como isso pode refletir futuramente na qualidade de vida. Além disso, observamos uma lacuna na produção científica referente a esse tema no Brasil, visto que a maior parte da literatura encontrada foi estrangeira.

Palavras Chaves: Autismo, gênero e diagnóstico.

Abstract: Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a disorder associated with neurodevelopment and

1 Estudante de Medicina da Universidade Nove de Julho

2 Estudante de Medicina da Universidade Nove de Julho

Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

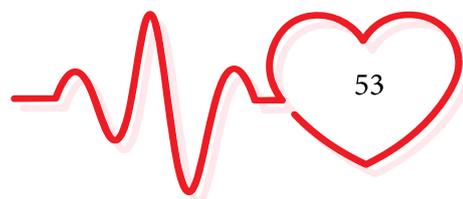
social and behavioral skills. With the development of diagnostic criteria and the accretion in the dissemination of information about autism, there was an increase in the number of diagnoses. However, the identification of this disorder, which usually occurs between 12 and 24 months of life, is still a complex process, and the criteria are very broad and the characteristics of the patients very varied. In the present work, we will review the difficulties associated with the diagnosis of autism, and the fact that they are even greater in girls, discussing this gender difference. As a methodology for this expanded summary, we collected articles by different authors who dealt with this theme, making an analysis based on the literature gathered in the research. The results suggested that girls are less likely to meet diagnostic criteria for ASD, as this may reflect on their quality of life in the future. In addition, we observed a gap in the scientific production related to this topic in Brazil, since most of the literature found was foreign.

Keywords: Autism, gender and diagnosis.

INTRODUÇÃO

O autismo ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), é um distúrbio do neurodesenvolvimento humano, com impacto em dificuldades com a comunicação, interação social, aprendizado, comportamentos repetitivos e capacidade de adaptação. O diagnóstico do TEA é feito de acordo com as resoluções do DSM-V e tem como principais critérios os déficits na comunicação e interação social, além dos padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses pessoais, sendo importante a especificação da gravidade dos sinais (Lai MC, Lombardo MV, Baron-Cohen S; 2013).

Entretanto, apresentam-se como desafios questões culturais e socioeconômicas na realização de diagnósticos, visto que a comunicação não verbal, relacionamentos e normas de interação social



Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

variam conforme diferentes culturas, influenciando na idade de identificação ou de diagnóstico. Assim como existem desafios em questões relativas ao gênero, padrões linguísticos, sociais e intelectuais com propensões diferentes entre meninos e meninas (DSM-V), contribuindo para o subdiagnóstico de autismo. O objetivo para a realização do estudo é mostrar as dificuldades diagnósticas do Transtorno do Espectro Autista em meninas.

DIFICULDADES DIAGNÓSTICAS EM MENINAS

O TEA tem uma proporção diagnóstica de uma menina em quatro meninos (DSM-V), com teorias ainda sendo pesquisadas que argumentam o papel exercido pela predisposição genética e a influência do cromossomo X e de hormônios necessários para que o TEA se apresente no sexo feminino, em comparação com o sexo masculino, assim como a etiologia do transtorno. (Goin-Kochel RP et al., 2007; Walsh P et al., 2011; Yamasue H et al., 2009; Goldman S.; 2013; Baron-Cohen S et al., 2011). À vista disso, é relevante distinguir sexo biológico de gênero, sendo sexo um conceito definido pela biologia e gênero um conceito construído baseado em características psicossociais (WHO, 2002). Por conseguinte, a

experiência individual de socialização vinculada ao gênero alude ao processo em que crianças criam consciência de seu próprio gênero e lidam com as expectativas sociais de atitudes e comportamentos tipicamente associados ao gênero feminino e masculino, portanto, nascem com seu sexo biológico, mas aprendem a construir suas próprias identidades de gênero. (WHO, 2002). Portanto, os critérios diagnósticos podem ser influenciados pelas expectativas de comportamentos da criança correlacionado ao sexo biológico e aos atributos fornecidos pela socialização (Goldman S.; 2013). Porém, a relação do papel exercido pelo gênero na epidemiologia do Transtorno do Espectro do Autismo é sistematicamente negligenciada e a complexa relação sócio-cultural e comportamental permanece sendo apenas um questionamento (Cheslack-Postava K, Jordan-Young RM; 2012).



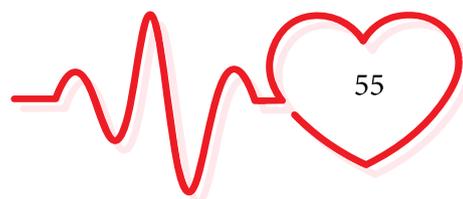
Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

Outrossim, a proporção referente ao sexo de amostras em pesquisas de medidas volumétricas do cérebro é de 8:1 (Via E et al., 2011) meninos:meninas, assim como a maioria das pesquisas tendem a incluir os participantes de acordo com a proporção diagnóstica de 4:1 (DSM-V), demonstrando uma subrepresentação de meninas em pesquisas. Desse modo, impedindo o claro entendimento do TEA e instituindo um viés que beneficia o estudo em meninos, podendo caracterizar grande parte do conhecimento existente em relação ao TEA enviesado (Lai MC et al., 2015). Todavia, existem ferramentas como a Escala de Responsividade Social (ERS-2) com instrumentos que exploram mais extensamente questões relacionadas a índices de confiabilidade, validade discriminante e de adequação, entretanto ainda não validado e utilizado no Brasil (Barbosa, Izabela Guimarães et al., 2015).

Ao que consta como é feito o diagnóstico do TEA atualmente, segundo o DSM-V, podemos incluir critérios baseados em prejuízos na comunicação social, déficits na reciprocidade socioemocional, comprometimento intelectual e/ou da linguagem concomitante, dificuldades para manter e compreender relacionamentos, padrões de comportamento restritos e repetitivos, entre outras especificidades, entretanto, é entendível que a interpretação e reconhecimento de comportamentos, ainda que em diagnósticos com padrão de excelência, estão a depender principalmente do julgamento e interpretação pessoal do profissional. Portanto, ainda que o teste seja feito por profissionais qualificados, questões culturais, de desenvolvimento pessoal e de identidade de gênero podem exercer papéis importantes na percepção de comportamentos apresentados (Dworzynski K et al., 2012).

Ademais, pessoas do sexo feminino, em comparação com o sexo masculino em pesquisas clínicas, apesar de não apresentarem com frequência problemas relacionados ao autismo em idades precoces, exibem níveis maiores de hiperatividade e maiores propensões de apresentar comorbidades como deficiências intelectuais e/ou atrasos de linguagem.

Entretanto, meninas sem comprometimentos concomitantes podem apresentar manifestações de dificuldades sociais, intelectuais e de comunicação mais brandas, sugerindo que não têm o diagnóstico de TEA detectado (Dworzynski K et al., 2012; DSM-5).



IMPLICAÇÕES DO DIAGNÓSTICO TARDIO OU AUSENTE

A complexidade do diagnóstico do TEA traz consigo um ponto importante no tocante à qualidade de vida e à recuperação dos pacientes, visto que as dificuldades desse processo muitas vezes fazem com que o diagnóstico só aconteça na fase adulta, ou mesmo nem aconteça. Além dos obstáculos clínicos da identificação de sinais de autismo, sabe-se que o atraso no diagnóstico é principalmente observado em países de baixa e média renda, como o Brasil, em razão da fragilidade do acesso à saúde e informação, bem como questões étnicas e econômicas (Zaira, Michelle M. M., 2020). Além disso, vale ressaltar a influência do gênero na delonga do diagnóstico, por ser este mais difícil em meninas (Green, Renée M., et al., 2019), como já discutido neste mesmo trabalho.

Apesar de traduzir uma situação já conhecida pelos profissionais especializados, o diagnóstico tardio é ainda muito persistente e suscita uma série de implicações. Quando diagnosticado de forma inicial, o autista tem maior possibilidade de reabilitar seus obstáculos e de alcançar um bom desenvolvimento social a longo prazo. No entanto, o diagnóstico tardio dificulta o aprimoramento das habilidades comportamentais, o que pode acarretar o agravamento dos sinais relativos ao transtorno; existe o risco de fracasso no estabelecimento de relacionamentos futuros, aumento da agressividade e ocorrência frequente de crises nervosas, desenvolvimento de hipersensibilidade sensorial e até de manifestação de retardo mental. (Rodrigues, C. et al., 2013).

Tendo em vista a importância da identificação do TEA para os processos de autoconhecimento e autoaceitação do paciente, bem como para sua recuperação, o retardamento do diagnóstico torna a superação dos obstáculos derivados do transtorno ainda mais difíceis para o autista e para aqueles que o apoiam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

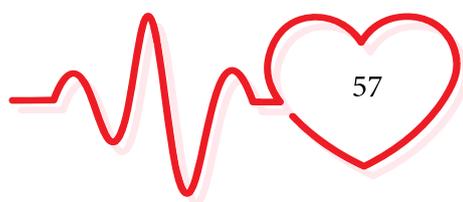
O diagnóstico de autismo naturalmente é complexo pela extensa variedade de sinais e características em cada paciente; no entanto, essa complexidade se torna ainda maior em meninas, devido, principalmente, aos aspectos socioculturais que abrangem questões psicossociais de identidade de gênero, sexo biológico, entre outras questões mais amplas que foram discutidas. Ainda, observamos a carência de discussão acerca desse assunto em nosso país, visto que a imensa maioria da bibliografia que o aborda é estrangeira e, especialmente, norte-americana. Entretanto, a maioria dos estudos encontrados trazem hipóteses e questões diferentes, com pesquisas inconclusivas ou ainda contraditórias. Além disso, a desproporção de discussão científica, subrepresentação de meninas em pesquisas e diferenças culturais podem ser consideradas fatores para o subdiagnóstico e a falta de suporte a pacientes com esse transtorno. Portanto, o diagnóstico, acompanhamento e pesquisas sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) são extremamente complexos, com discussões contínuas e importantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, Izabela Guimarães et al. Propriedades psicométricas da Escala de Responsividade Social-2 para Transtornos do Espectro Autista. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* [online]. 2015, v. 64, n. 3 [Acessado 9 Agosto 2021] , pp. 230-237. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0047-2085000000083>>. ISSN 1982-0208. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000083>.

Baron-Cohen S, Lombardo MV, Auyeung B, Ashwin E, Chakrabarti B, Knickmeyer R. Why are autism spectrum conditions more prevalent in males? *PLoS Biol.* 2011;9(6):e1001081.

Cheslack-Postava K, Jordan-Young RM. Autism spectrum disorders: toward a gendered embodiment



Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

model. Soc Sci Med. 2012 Jun;74(11):1667-74. doi: 10.1016/j.socscimed.2011.06.013. Epub 2011 Jul 12. PMID: 21803468.

Dworzynski K, Ronald A, Bolton P, Happé F. How different are girls and boys above and below the diagnostic threshold for autism spectrum disorders? J Am Acad Child Adolesc Psychiatry. 2012 Aug;51(8):788-97. doi: 10.1016/j.jaac.2012.05.018. Epub 2012 Jun 26. PMID: 22840550.

Goin-Kochel RP, Abbacchi A, Constantino JN. Lack of evidence for increased genetic loading for autism among families of affected females: a replication from family history data in two large samples. Autism. 2007;11(3):279–286.

Goldman S. Opinion: Sex, Gender and the Diagnosis of Autism - A Biosocial View of the Male Preponderance. Res Autism Spectr Disord. 2013 Jun;7(6):675-679. doi: 10.1016/j.rasd.2013.02.006. PMID: 23687516; PMCID: PMC3655776.

Green, Renée M.; TRAVERS, Alyssa M.; HOWE, Yamini; et al. Women and Autism Spectrum Disorder: Diagnosis and Implications for Treatment of Adolescents and Adults. Current Psychiatry Reports, v. 21, n. 4, 2019. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30852705/>>. Acesso em: 10 Aug. 2021.

Lai MC, Lombardo MV, Auyeung B, Chakrabarti B, Baron-Cohen S. Sex/gender differences and autism: setting the scene for future research. J Am Acad Child Adolesc Psychiatry. 2015 Jan;54(1):11-24. doi: 10.1016/j.jaac.2014.10.003. Epub 2014 Oct 16. PMID: 25524786; PMCID: PMC4284309.

Lai MC, Lombardo MV, Baron-Cohen S. Autism. Lancet. 2014 Mar 8;383(9920):896-910. doi: 10.1016/



Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

S0140-6736(13)61539-1. Epub 2013 Sep 26. PMID: 24074734.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V).

Rodrigues, C. et al. As consequências do reconhecimento tardio para o portador da síndrome do autismo, 2013. [s.l.] , [s.d.]. Disponível em: <<https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/ed3/4.pdf>>.

Via E, Radua J, Cardoner N, Happé F, Mataix-Cols D. Meta-analysis of gray matter abnormalities in autism spectrum disorder: should Asperger disorder be subsumed under a broader umbrella of autistic spectrum disorder? Arch Gen Psychiatry. 2011 Apr;68(4):409-18. doi: 10.1001/archgenpsychiatry.2011.27. PMID: 21464365

Walsh P, Elsabbagh M, Bolton P, Singh I. In search of biomarkers for autism: scientific, social and ethical challenges. Nature Reviews Neuroscience. 2011;12(10):603–612.

Yamasue H, Kuwabara H, Kawakubo Y, Kasai K. Oxytocin, sexually dimorphic features of the social brain, and autism. Psychiatry Clin Neurosci. 2009 Apr;63(2):129-40. doi:10.1111/j.1440-1819.2009.01944.x. PMID: 19335381.

Zaira, Michelle M. M.. O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas UFMG, 2020. [s.l.]: , [s.d.]. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/35946/1/O%20DIAGN%c3%93STICO%20DO%20TRANSTORNO%20DO%20ESPECTRO%20AUTISTA%20NA%20FASE%20ADULT%20A.pdf>>.

